



## **Amefricanidades em movimento: lutas, saberes, memórias e encantamentos decoloniais no território quilombola Brejão dos Negros - SE**

*Amefricanities in movement: struggles, knowledge, memories and decolonial enchantments in the quilombola Brejão dos Negros - SE*

SANTOS, Marcio Eric Figueira dos<sup>1</sup>; BISPO, Claudeane<sup>2</sup>; ANDRADE, Adriele Bispo<sup>3</sup>; BARBOSA, Anézia Maria Fonsêca<sup>4</sup>; SANTOS, Núbia Dias dos<sup>5</sup>

<sup>1</sup> PRODEMA – Universidade Federal de Sergipe (UFS),  
marciosantos.eagroecologandobr@gmail.com; <sup>2</sup> Faculdade Sucesso (FAS),  
bispoclaudeane@gmail.com, <sup>3</sup> Núcleo de Estudos Agroecológicos do IFS (NEA / IFS),  
adriellybispo47@gmail.com, <sup>4</sup> PRODEMA – Universidade Federal de Sergipe (UFS),  
aneziamaria@academico.ufs.br, <sup>5</sup> PRODEMA – Universidade Federal de Sergipe (UFS),  
nubia@academico.ufs.br

### **RESUMO EXPANDIDO**

#### **Eixo Temático: Ancestralidades, terra e território.**

**Resumo:** Classifica-se o estudo como de natureza aplicada, descritiva, explicativa e exploratória, com abordagem qualitativa, abrangência de procedimentos bibliográficos, documental e com dados secundários obtidos por meio pesquisa em portais/sites acadêmicos, institucionais e *in loco* desenvolvida entre dezembro de 2021 e março de 2022 na comunidade Santa Cruz (território quilombola Brejão dos Negros – SE). Tem como objetivo pôr em relevo as lutas, saberes, memórias e encantamentos decoloniais na formação do território. Espera-se que auxilie na ampliação das discussões entre a academia e sociedade em geral sobre a decolonialidade, a importância das comunidades quilombolas, seu patrimônio cultural e sua relação com o território, com a preservação/conservação do meio ambiente, espiritualidades e Amefricanidades.

**Palavras-chave:** territorialidade; identidade; cosmovisão; povos e comunidades tradicionais.

#### **Introdução**

*“Ìyá mi, àsèsè! Minha mãe é minha origem! Bábà mi, àsèsè! Meu pai é minha origem! Olódumarè un mi àsèsè o! Olódumarè é minha origem! Ki Ntoo bò Orisà à è. Portanto, adorarei as minhas origens”.*  
*Cântico tradicional usado pelo povo Yorùbá.*

Como Paulo César Pereira de Oliveira explica, “a tradição está intimamente ligada ao conceito de àsèsè, origem e passagem, contido nesse cântico usado pelo povo yorùbá nos ritos de morte, significando o retorno à própria origem” (CCDH, 2022, p.11). Este retorno à origem remete à própria essência de formação de uma identidade, onde, segundo Mbembe (2014, p. 225), “o acto de identificação é igualmente uma afirmação de existência. «Eu sou» significa, desde logo, eu existo”. Contudo, ressaltando a necessidade de superação da criação/condição colonial de raça, corroborando assim com autores como Fanon (1968, 2008) e Hall (2003, 2006).

Neste sentido, a partir da concepção de Identidades de Resistência e de Projeto, segundo Castells (2018, p. 56), em que a primeira refere-se aos “atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da



dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência” e a segunda “quando os atores sociais utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar a transformação de toda estrutura social”, as raízes identitárias, tanto para o indivíduo, quanto para o coletivo, é antes de tudo um posicionamento político. Mas, principalmente, um resgate das especificidades socioculturais, epistemológicas, ontológicas e econômicas invisibilizadas e violentadas pelo capitalismo e colonialidade.

*Mas o que seria a colonialidade?* Conforme apontam Castro-Gomez; Grosfoguel (2007), a colonialidade difere do colonialismo e sua única condição de soberania político-administrativa de um território sobre outro. Logo, podemos compreendê-la como uma racionalidade com objetivo fundante de exercer o poder de domínio, homogeneização e invisibilização em relação às outras existências e na própria soberania territorial de um povo/grupo/comunidade/classe. Existências e soberanias territoriais estas que, também no caso das afrodiaspóricas, germinam novos rizomas a partir dos valores ancestrais, cosmovisões, no saber-fazer, saber-viver e no senso coletivo de luta pelo corpo e território, num ato contínuo do que podemos conceber uma “luta contra a lógica da colonialidade e seus efeitos materiais, epistêmicos e simbólicos”, descrita por Maldonado-Torres (2018, p. 40) como decolonialidade.

Concebe-se que nesta decolonialidade se constrói as bases da categoria amefricanidade, criada por Gonzalez (1988, p. 77) a partir da concepção de América enquanto “sistema etnográfico de referência [...] uma criação nossa e de nossos antepassados no continente em que vivemos, inspirados em modelos africanos”. E que, além situar-se nas respectivas terexistências, territorialidades e terrumanidades amefricanas, termos cunhados por Rufino; Renaud Camargo; Sánchez (2020) e Sánchez; Salgado; De Oliveira (2020), que têm na essência este elo com a relação ecológica-existencial humana, a cidadania e a humanidade a partir do seu chão, seu lugar, seu território, consubstancialmente fazem parte do viver dos povos e comunidades tradicionais, do viver das comunidades quilombolas.

E é partindo desta relação ecológica-existencial humana, do pilar de indissociação ser humano-natureza, do saber-fazer, saber-viver e da própria formação da identidade ancestral quilombola que se assentam as bases da identidade agroecológica. Por compreendê-la como um balaio interdisciplinar, classista e decolonial acolhedor de modos de produção, viveres, cosmovisões, espiritualidades e senticonhecimentos tradicionais que edificam o senso ecológico-político-comunitário e a própria territorialidade quilombola. Afinal, como Nascimento (1980, p. 277) ressalta sobre o quilombismo, “como tal, ele se coloca contra a poluição ecológica e favorece todas as formas de melhoramento ambiental que possam assegurar uma vida saudável para as crianças, as mulheres e os homens”.

O trabalho em tela é fruto do projeto/dissertação de mestrado desenvolvido pelo Programa de Pós-Graduação em Rede para Ensino das Ciências Ambientais (PROFCIAMB) e intitulado como *Ecologia de Saberes: da decolonialidade à formação do sujeito ecológico no território quilombola Brejão dos Negros, Sergipe* (SANTOS, 2022), e tem como objetivo, em diálogo com a perspectiva decolonial da amefricanidade, pôr em relevo as lutas, saberes, memórias e encantamentos decoloniais na formação do território quilombola Brejão dos Negros – SE, município de



Brejo Grande, mais especificamente a partir das contribuições dos sujeitos da pesquisa, residentes na comunidade Santa Cruz.

## Metodologia

Classifica-se o estudo como de natureza aplicada, descritiva, explicativa e exploratória, com abordagem qualitativa, abrangência de procedimentos bibliográficos, documental e com dados secundários obtidos por meio pesquisa em portais/sites acadêmicos, institucionais e *in loco* desenvolvida entre dezembro de 2021 e março de 2022, com 29 pessoas para a faixa etária entre 12 e 80 anos da comunidade Santa Cruz. Dentre as dinâmicas e as cinco ferramentas participativas adotadas na pesquisa, são trazidos aqui para discussão parte dos resultados da seguinte ferramenta: **Rio do Tempo** (BIAZOTI; ALMEIDA; TAVARES, 2017, p. 35).

## Da colheita e discussão dos resultados

Como demonstra a Figura 1, o banner da ferramenta Rio do Tempo foi fixado no Centro Comunitário da Comunidade Santa Cruz, tendo os/as participantes de preencher e colar seus Post-Its a partir das questões suleadoras levantadas. Com isso, foi também possível elaborar uma tabela com as respostas (Tabela 1).

Figura 1. Banner da ferramenta Rio do Tempo na comunidade.



Fonte: autoria própria, 2022.



Tabela 1. Pontos levantados pelos participantes no banner Rio do Tempo (Com. Santa Cruz).

Ponto da Questão Suleadora <sup>1</sup>	Respostas
Saber tradicional	<i>Ervas/plantas medicinais/cura pela natureza; Cantiga de roda e danças tradicionais (Reisado, Maracatu, Guerreiro, Roda de Fogo, Samba de coco, pescaria com canções); Comidas típicas/ sabores tradicionais; Artesanatos; Mulheres não devem colher quando estão nos tempos; Plantio/Agricultura (semeadura, manejo; fases da lua; plantio de arroz; sementes crioulas; etc.); Pescaria artesanal.</i>
Ameaças contra o território	<i>Desmatamento ou queimada; exploração de petróleo e gás (ExxonMobil); corte e negação de direitos por parte do governo Bolsonaro; Carcinicultura; instalação de resort (Norcon); contaminação do rio; dificuldade do autorreconhecimento como negros e quilombolas por parte da população de Brejo Grande; racismo; falta de segurança; justiça e a expropriação das terras, etc.</i>
Memória afetiva na relação com o meio ambiente;	<i>O Gameleiro (patrimônio etnobotânico e religioso); Mangueiras (na proximidade dos rios; no quintal da casa onde uma das participantes cresceu, a sua avó plantou para cada um de seus netos); Cuidado com a terra; trabalhos agrícolas em família, a Mata; o dendezeiro para fazer óleo; a pescaria em família; o banho de rio; o terreiro; etc.</i>
Impactos ambientais no/na território/comunidade; e	<i>O derramamento/crime do óleo, lixo nas comunidades e rios; falta de água no território; falta de esgoto tratado; salinização da água dos rios e perda de solo com a expansão da carcinicultura; desmatamento dos mangues; desmatamento e queimadas nas roças e mata; seca por causa das mudanças climáticas; a poluição das águas (lixo, agrotóxicos e óleo); e a contaminação do solo e plantações com agrotóxicos.</i>
Memória de luta pelo/pela território/comunidade.	<i>A missa de entrega pelo título; audiência pública sobre o derramamento de óleo; ação contra o desmatamento na comunidade para estrada para viveiros de camarão; a expulsão do padre Isaías para que o mesmo não celebrasse a missa e mobilizasse os quilombolas; cartazes da juíza nas portas (se posicionando a favor dos fazendeiros e contra o reconhecimento e posse das terras por parte dos quilombolas); conquista da terra (no dia 01/03/2011); manifesto contra a ExxonMobil; luta pela terra, moradia, contra os políticos e contra a violência armada; reconhecimento pela Fundação Palmares; recebimento do Território Quilombola; momentos de acampamento na luta pelos direitos e a mobilização no Incra.</i>

Fonte: autoria própria, 2023.

<sup>1</sup> Suleadora: como Freire (1997) explica, a adoção do termo sulear, que não consta nos dicionários formais da língua portuguesa, deve-se a um posicionamento ou alerta de oposição à esta lógica centro-periferia, à conotação político-ideológica do termo nortear e suas derivações. Desta forma, o sulear é contrapor às violências coloniais epistemológicas e ontológicas, ater-se ao giro decolonial de resistência e valorização dos povos do sul geopolítico. Tendo como referência para projetos, sonhos e caminhos a insurgência do sul oprimido, não o norte colonizador. Afinal, como Campos (2019, p. 14), o criador do termo sulear, ressalta: “essa orientação para o Hemisfério Norte, não é apenas espacial, mas subjetiva e referindo-se até à ‘direção moral’. Isso é evidentemente ratificado pelas representações – sobretudo geocartográficas do norte acima e superior por oposição ao Sul abaixo, inferior”.



Vê-se que as contribuições dos/das participantes configuram um balaio identitário classista e decolonial de afincamento com o território e ancestralidade, onde a essência da amefricanidade ou ladinoamefricanidade reflete nas próprias terrexistências, territorialidades e terrumanidades da comunidade, colocando também à tona a visibilização dos saberes e das verdadeiras histórias ocultadas pela colonialidade, pois, como Adichie (2019, p. 12) disse, “é impossível falar sobre a história única sem falar sobre poder [...] O poder é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva”.

## Conclusões

O trabalho em tela demonstra a importância das especificidades amefricanas e decoloniais identitárias da comunidade quilombola Santa Cruz, onde a interação com o meio ambiente, a indissociação ser humano-natureza, a identidade quilombola e agroecológica, o saber-viver, saber-fazer, as memórias/histórias, cosmovisões e encantamentos ancestrais repercutem na própria consolidação da luta coletiva pelo território. Dando destaque aos pontos levantados pelos/pelas participantes na ferramenta Rio do Tempo. Desta forma, espera-se que auxilie na ampliação das discussões entre a academia e sociedade em geral sobre a decolonialidade, a importância das comunidades quilombolas, seu patrimônio cultural e sua relação com o território, com a preservação/conservação do meio ambiente, espiritualidades e Amefricanidades.

## Referências bibliográficas

ADICHIE, Chimamanda Nigotzi. **O perigo de uma história única**. / Chimamanda Ngozi Adichie; Tradução Júlia Romeu. - 1ª ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BLAZOTI, André; ALMEIDA, Natália; TAVARES, Patrícia. **Caderno de metodologias: inspirações e experimentações na construção do conhecimento agroecológico**. 1. Ed. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 2017, 84 p.

CAMPOS, Marcio D’Oliveira. Por que SULear? Marcas do Norte sobre o Sul, da escola à geopolítica. **Revista Interdisciplinar Sulear**, UEMG, ano 2, n. 2, set. 2019. Disponível em <https://revista.uemg.br/index.php/sulear/article/download/4140/2410/13750>. Acesso em 09 ago. 2023.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade: a era da informação**. - Vol. 2 / Manuel Castells; tradução Klauss Brandini Gerhardt. - 9ª ed. Rev. Ampl. - São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018, 602 p. ISBN 978-85-7753-335-0.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOQUEL Ramón. G. Giro decolonial, teoría crítica y pensamiento heterárquico. In: **El giro decolonial reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Santiago Castro-Gómez y Ramón Grosfoguel (Orgs.). Bogotá: Siglo del Hombre Editores, Universidad Central, IESCO, y PUJ, Instituto Pensar, 2007. 308 p.



CCDH - Comissão de Cidadania e Direitos Humanos. **Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana (Cartilha)**. Porto Alegre (RS): ALRS, 2022, 42 p.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Tradução de José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro (RJ): Civilização Brasileira S.A., Coleção Perspectivas do Homem, Vol. 42, 1968.

FANON, Frantz. **Pele negra, Máscaras Brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador (BA): EDUFBA, 2008. 194 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro (RJ): Paz & Terra, 1997.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: **Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro, 1992/1993 (jan./jun.). 1988, p. 69-82.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende et al. - Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003, 434 p. ISBN: 85-7041-356-4.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro -11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 104 p. ISBN 85-7490-402-3.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: Bernardino-Costa, Joaze; Maldonado-Torres, Nelson; Grosfoguel, Ramón. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 1. ed. Belo Horizonte (MG): Autêntica Editora, 2018. ISBN 978-85-513-0338-2.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Tradução de Marta Lança. 1. ed. Lisboa: Antígona, 2014. ISBN 978-972-608-254-5.

NASCIMENTO, Abdias do. **O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1980, 281 p.

RUFINO, Luiz; RENAUD CAMARGO, Daniel; SÁNCHEZ, Celso. **Educação Ambiental desde El Sur: a perspectiva da Terrexistência como Política e Poética Descolonial**. São Cristóvão, Sergipe: REVISEA, V. 7, Número especial, 2020. ISSN Eletrônico: 2359- 4993.

SÁNCHEZ, Celso; SALGADO, Stephanie DI Chiara; DE OLIVEIRA, Sônia Terezinha de. **Aportes da ecologia política para a construção de uma educação ambiental de base comunitária no contexto latino-americano: narrando a experiência de um curso de extensão universitária**. Ambiente & Educação, V. 25, n. 1, 2020.

SANTOS, Marcio Eric Figueira dos. **Ecologia de saberes: da decolonialidade à formação do sujeito ecológico no território quilombola Brejão dos Negros, Sergipe**. Dissertação (Mestrado Profissional em Ciências Ambientais). São Cristóvão (SE): Universidade Federal de Sergipe, 2022. 267 f.